

## O filosofar no Ensino de Filosofia

MARCOS MACHADO\*

**Resumo:** O presente estudo aborda as aulas de Filosofia, buscando apresentar uma concepção de filosofia para que se estabeleça o filosofar em sala de aula. O objetivo é apresentar uma didática do ensino desse componente curricular, que faça algum sentido para que os docentes e discentes encontrem o real valor para essas aulas. Foi realizada uma análise comparativa entre diferentes filósofos da educação com a Base Nacional Comum Curricular (2018) e a Declaração de Paris para a Filosofia (1995), para estabelecer o papel desse componente curricular no Ensino Médio. O resultado apresenta a importância de aplicar o filosofar nas aulas de Filosofia para o desenvolvimento de cidadãos críticos e autônomos como protagonistas de uma sociedade democrática. Conclui-se que o ensino de Filosofia deve ser ministrado de forma problematizadora a fim de estabelecer o diálogo com o outro, para que possa ser construído o conhecimento.

**Palavras-chave:** Filosofia; Problema; Diálogo; Autonomia; Protagonismo.

### Philosophying in Philosophy Teaching

**Abstract:** This study addresses Philosophy classes, seeking to present a conception of philosophy so that philosophizing can be established in the classroom. The objective is to present a didactic approach to teaching this curricular component that makes sense so that teachers and students can find the real value for these classes. A comparative analysis was carried out between different philosophers of education with the National Common Curricular Base (BNCC, 2018) and the Paris Declaration for Philosophy (1995), to establish the role of this curricular component in High School. The result shows the importance of applying philosophizing in Philosophy classes for the development of critical and autonomous citizens as protagonists of a democratic society. It is concluded that Philosophy teaching should be taught in a problematizing way in order to establish dialogue with others, so that knowledge can be constructed.

**Key words:** Philosophy; Problem; Dialogue; Autonomy; Protagonism.



\* **MARCOS MACHADO** é graduado em Filosofia pela Faculdade Serra da Mesa (FASEM), em Uruaçu-GO. Graduado em Teologia pela Faculdade Gospel (EAD). Especializado no Ensino de História, pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), em Uruaçu-GO. Mestrado pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), em Cuiabá-MT. Professor efetivo na Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso (SEDUC-MT).

## Introdução

O presente artigo tem como objeto de pesquisa as aulas de Filosofia como componente curricular no Ensino Médio. Esse estudo busca compreender o que tem sido e o que deveria ser essas aulas e qual sua importância para docentes, discentes e para a sociedade. Portanto, o objetivo principal é elucidar o que é uma aula de Filosofia nesse seguimento, apresentando uma didática, para que professores e estudantes tenham uma clareza sobre por onde devem caminhar para que possam encontrar um porquê participarem dessa aula. A finalidade desse artigo é instrumentalizar sobre o que é, de fato, uma aula de Filosofia, contribuindo para a compreensão do papel do professor que queira proporcionar aos seus discentes uma possibilidade de se humanizarem<sup>1</sup>.

Existe uma certa resistência, por parte de alguns, de participarem das aulas de Filosofia, considerando-a como uma afronta a suas crenças costumeiras, ou como apenas uma aula para preencher o currículo, pois, alguns confundem a aula de Filosofia com a aula de História ou de Sociologia, uma vez que eles estudam os pensadores ao longo do tempo e não entendem a importância disso em suas vidas, perdendo a oportunidade de terem essas aulas como ferramentas para que possam ser-mais<sup>2</sup>. Esse tema é discutido em Paulo Freire (1987), Maurício Langón (2012), Silvio Gallo (2012), Murcho (2008), González Porta (2002), Deleuze (1993) e Lara Sayão (2020), que nos apresentam, de forma direta ou indireta, a importância desse

componente curricular e como ele deve ser trabalhado em sala de aula.

Dessa forma, ministrar aulas de Filosofia tem sido mais complicado que outros componentes curriculares, uma vez que, além dos problemas comuns na educação brasileira que todas as matérias escolares enfrentam, as aulas de Filosofia precisam transpor um culto à ignorância fomentada pelos dogmas, uma vez que não é comum ouvir questionamentos maliciosos como, para que serve outras matérias escolares, como questionam sobre a Filosofia. Essa precisa, a todo tempo, justificar seu lugar em uma educação que não condiz com as teorias dos filósofos da educação citados no parágrafo anterior. Com isso, cabe então propor além de outros tantos, o seguinte problema: O que é uma aula de Filosofia?

Por meio de uma abordagem filosófica, que contemple múltiplas fontes didáticas para aulas de Filosofia, buscar-se-á elucidar o que deveria ser uma aula desse componente curricular. A análise comparativa permitirá construir uma nova didática para o ensino prático e significativo, tanto para docentes quanto para estudantes dessa disciplina escolar, para compreensão do motivo da existência dessa aula e sua importância para a construção da “Cultura da paz”, de uma sociedade mais justa e democrática, onde as pessoas possam ser-mais, autônomas e protagonistas na construção e conservação da sociedade, buscando e valorizando o outro que pensa diferente para enriquecimento do intelecto uns dos outros, valorizando o diálogo, em busca de uma visão mais ampla possível do

<sup>1</sup> A capacidade de refletir e tomar decisões a partir da sua interpretação e compreensão de mundo, transcendendo a natureza e se construindo, sempre em busca de ser mais

<sup>2</sup> “Este termo é utilizado por Freire (2010) como vocação ontológica do ser humano, ou seja, significa para o professor e aluno, a necessidade

de potencializar a amorosidade enquanto prática educacional. Amorosidade significa a prática do amor na relação professor e aluno e o comprometimento com a essência de cada um. Essa prática na Educação levaria à consciência de ambos, como pessoas mais amáveis e menos opressoras” (TRINDADE, 2018, p. 2).

problema para que se possa chegar a uma solução mais segura.

Desse modo, esse artigo busca compreender, através dessa análise comparativa, o que deveria ser a aula de Filosofia, bem como propor uma didática, para que ela aconteça de forma significativa para toda a comunidade escolar e para a sociedade. Em última análise, buscar-se-á expor para a sociedade o valor intrínseco que esse componente curricular possui, para que não seja mais necessário justificar seu lugar na educação e formação dos cidadãos, mas que a busquem e valorizem-na, como deve ser, todos que buscam ser-mais humano em seu dia a dia, fugindo das verdades absolutas e buscando o conhecimento construído por meio de pontos de vistas e experiências de vidas diferentes.

Esse artigo está dividido em três seções. A primeira seção apresentará uma definição do que compreendemos por ser filosofia. Em seguida será apresentado a importância do filosofar na aula de Filosofia no Ensino Médio. A terceira e última seção apresentará uma proposta didática para que discentes e docentes possam filosofar nas aulas.

### **1. Qual filosofia utilizar nas aulas para solucionar problemas.**

Para responder ao problema desse artigo, temos muitas reflexões importantes. Contudo, aplicamos nesse trabalho o que compreendemos ser o conceito de filosofia, fazendo o uso da junção de duas definições importantes que fazem sentido em sala de aula, sendo a primeira de González Porta (2002), quando diz que a “Filosofia é o produto do filosofar”. Entendemos que esse produto seja o conhecimento construído por meio da reflexão, e essa reflexão aqui entendida como o filosofar, ambas sendo provocadas por algum problema

enfrentado. Por essa razão, filosofia e o filosofar andam de mãos dadas, lado a lado, de forma que uma complementa a outra no processo de construção do conhecimento e de solução para o problema.

Dessa maneira, como uma das matérias que compõe o currículo escolar ensinada em sala de aula, com o intuito de desenvolver habilidades nos discentes para a solução de problemas por meio da reflexão, esse conhecimento construído pelo filosofar é o que Porta chama de Filosofia. Assim, podemos compreender que a aula de Filosofia deve ser construída por meio do filosofar. Com isso quero dizer que, cabe aos professores desse componente curricular chamado Filosofia, desenvolver o diálogo por meio da dúvida metódica, a fim de que juntos, professores e estudantes, possam construir o conhecimento chamado Filosofia, fazendo com que as aulas sejam mais práticas do que muitas vezes têm sido, aplicando problemas do cotidiano para que possam ser solucionados pelo filosofar.

A segunda resposta ao problema do presente artigo, em consonância com a resposta já dada por González Porta (2002), é dada por Deleuze (1993), que nos coloca que “a filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. Assim, o discente ao enfrentar o problema estará refletindo e, portanto, praticando o filosofar, que está alinhado ao que Porta define como sendo a filosofia, ou seja, o conhecimento construído a partir do uso de tais concepções, isso após ter duvidado daquilo que lhe é ofertado como verdade universal. Isso faz com que o discente, que se coloca na busca do conhecimento, para compreender o mundo a sua volta, faz-se subversivo por meio da ação-

reflexão-ação<sup>3</sup>, se torna aquele que pratica o filosofar, fazendo-se filósofo pela construção, atualização ou uso dos conceitos para solução dos problemas.

Logo, a construção do conceito realizada a partir de Porta (2002) e Deleuze (1993), deu a compreensão de qual filosofia devemos utilizar em sala de aula, sendo ela a construção do conhecimento por meio do exercício da reflexão a partir do problema, fazendo uso da história da filosofia como acervo para investigação, de forma a utilizar ou ressignificar os conceitos já construídos por pensadores no decorrer da história, para que possamos enfrentar e solucionar os problemas que tão de perto nos rodeia na sociedade, portanto, problemas reais, e não apenas apresentar os filósofos e seus pensamentos ao longo da história da humanidade.

### **1.1 Qual é a importância das aulas de Filosofia para a sociedade?**

As aulas de Filosofia permanecem um tema de preocupação em todo o mundo, e sua relevância é evidente no contexto da construção social e manutenção da democracia. Como destacado pela Organização das Nações Unidas pela Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), com a “Declaração de Paris para a Filosofia”, conforme Damiano (2016), “Julgamos que o desenvolvimento da reflexão filosófica, no ensino e na vida cultural, contribui de maneira importante para a formação de cidades, no exercício de sua capacidade de julgamento, elemento fundamental de toda democracia.” Esta citação enfatiza a magnitude do problema e destaca a necessidade urgente de atenção e apoio às aulas de Filosofia dentro das escolas de educação básica.

Uma vez que, a sociedade impede que o professor, desse componente curricular, tenha liberdade de tratar os temas filosóficos propostos como eles devem ser, forçando os docentes a não aprofundar os temas ou não trabalhá-los como deveria, além de cobrar que o ensino em sala de aula seja antifilosófico e, portanto, impedindo os discentes de refletirem os problemas reais, enfrentados no dia a dia do estudante ou da sociedade, força a Filosofia a ser uma disciplina sem sentido, ao tratar de temas históricos, ou abstrata demais para os alunos, pois não compreendem seu real valor. Assim, para que tenhamos resultados satisfatórios no ensino de Filosofia, é necessário que o docente dessa disciplina escolar tenha liberdade para o filosofar em sala de aula com os discentes, para que possam construir o conhecimento a ponto de saberem explicar os conceitos utilizados.

Portanto, esse artigo se concentra especificamente nas aulas de Filosofia no contexto do Ensino Médio. Um recorte que reconhece a singularidade das experiências e desafios enfrentados por estudantes e professores do ensino básico. A importância desse tópico é clara, dada as demandas ideológicas e as questões de bem-estar que podem surgir durante o Ensino Médio e em toda a sociedade. A compreensão dessas questões é essencial para promover a cultura da paz e a democracia em uma sociedade intolerante e dogmática, que despreza e ataca o pensamento contrário ao invés de prezá-lo para o conhecimento.

Para compreender seu impacto, consideramos a proposta da Base Nacional Comum Curricular (2018), que promove a formação jovens autônomos e protagonistas por meio da prática da dúvida metódica, do diálogo, da hipótese

---

<sup>3</sup> A práxis segundo Paulo Freire (1987).

e do argumento. Essa formação, de acordo com Langón (2012), podem ser praticadas de dois tipos, sendo um: filosófico, que proporciona aos discentes o desenvolvimento cognitivo, como o ser-mais de Freire (1987), sendo esse o que é desejado pela BNCC (2018), o desenvolvimento cognitivo. E outro: antifilosófico, que faz dos estudantes meros repetidores do conhecimento, como a educação bancária combatida por Freire (1987), pela BNCC (2018) e pela Orientações Curriculares Nacionais (2006).

Essa perspectiva afirma que as aulas de Filosofia não surtem efeitos adequados, se considerarmos apenas apresentar a história da filosofia, mostrando aos estudantes que os filósofos, os problemas e suas soluções dentro da suas sociedades e em seu tempo, para que os discentes adquiram a capacidade de responder as questões das provas escolares, tendo uma resposta pronta e acabada, como em um cientismo<sup>4</sup>. Em vez disso, é crucial levar em consideração a interação entre os problemas propostos, os estudantes críticos e o conhecimento da história da filosofia como acervo, para que, a partir dessa interação, possa ser levantadas as hipóteses e estabelecido os diálogos na busca de construir o conhecimento com autonomia para a produção de valores e solidariedade social, contribuindo para o que foi proposto pela UNESCO, conforme Damiano (2016) exposto anteriormente nesse texto, considerando, não apenas conteúdos escolares para avaliações, mas a capacidade de análise para compreensão e solução de problemas do dia a dia dos estudantes e professores, como um convite para

pensarem juntos os problemas, hora pessoal, hora social.

## **2. Por que filosofar nas aulas de Filosofia**

Após ter apresentado o conceito de filosofia que estamos utilizando neste trabalho, cabe levantarmos outro problema, “qual o sentido da Filosofia na educação básica?” Essa matéria escolar sofre preconceitos por não ser considerada uma ciência e por não ter um método e um objeto próprio, como as demais matérias escolares. Contudo, essa busca pelo resultado sólido acaba limitando o pensamento e a reflexão dos alunos, negando-lhes, de acordo com Freire (1987), a humanização. Essa condição de negação do outro, impondo-lhe aquilo que quero que pense, fale, faça, leva-o à perda da liberdade, condicionando-o a reproduzir aquilo que lhe é imposto, impedindo que desenvolva sua racionalidade para além daquilo que lhe é ensinado, limitando-o a não refletir. Isto é o que, muitas vezes, acontece nas aulas de Filosofia, produzindo replicadores da história da filosofia e não seres humanos críticos, autônomos e protagonistas de uma sociedade democrática.

Conforme, Desidério Murcho (2008) nos coloca que, o cientismo que querem impor na filosofia, faz com que ela seja mais ou menos como as outras matérias, tendo resultados seguros e métodos garantidos, como a matemática, a física e a história, o que é antifilosófico, uma vez que o filosofar é colocar em dúvida as verdades absolutas em busca da compreensão desse mundo que nos foi apresentado e, portanto, dado e por isso, não sabemos explicá-lo, mas aceitamos passivamente como verdadeiro. Em

---

<sup>4</sup> Desidério Murcho (2008) nos coloca o cientismo como sendo a defesa de que a filosofia deve ser mais ou menos como as outras matérias,

ter resultados seguros e métodos garantidos, como a matemática, a física e a história.

contrapartida ao cientismo filosófico, Murcho (2008) nos orienta sobre a possibilidade e a importância de conciliarmos o “clássico do historicismo”, que é a história da filosofia, com a “abrangência do enciclopedismo”, que são os conceitos, aproveitando suas vantagens como as teorias e respectivas reflexões ao longo do tempo, concomitante ao ensino do problematizar e buscar, nos conceitos, as possíveis soluções para os problemas enfrentados, sendo o problema, e não a história da filosofia, o centro das aulas desse componente curricular chamado Filosofia. Esta resposta dada por Murcho (2008) está de acordo com o que nos coloca o professor Jesus (2021), quando nos elucida que:

Por um lado, falar de filosofar desconsiderando a construção histórica do saber filosófico é correr o risco de dar pontapé em porta aberta (ao ignorar realizações teóricas que auxiliam o pensar), de cair em um formalismo reflexivo (ao supor uma incrível capacidade de pensar sem apoio em conteúdos) e manifesta um erro conceitual (ao interpretar o “só é possível aprender a filosofar” de modo kantiano, como uma chamada ao abandono das filosofias anteriores). Por outro lado, defender o estudo das filosofias historicamente criadas menosprezando o exercício do filosofar implica aprender de memória (ao fazer da investigação histórica uma memorização de dados, de sistemas e de termos técnicos), adotar uma atitude servil diante do conteúdo aprendido (ao transformar o texto e as ideias estudados em objeto de solene reverência e não em um contributo para refletir sobre a realidade) e demonstra também um erro conceitual (ao tomar a postura hegeliana favorável à história como

antagônica à atividade do pensar filosófico próprio).

A dicotomia entre aprender a filosofar e aprender a filosofia mostrou-se uma falsa contradição, e podemos dizer, com Guillermo Obiols (2002), que o filosofar e a filosofia são faces de uma mesma moeda: a aprendizagem filosófica. (JESUS. R. M, 2021, p. 108-109)

Assim, Murcho (2008) e Jesus (2021) nos colocam o filosófico como necessário para as aulas de Filosofia, uma vez que esse filosófico se encontra na capacidade de refletir diante do problema enfrentado para solucioná-lo, o que segundo Gallo (2012), não podemos excluir a história da filosofia para ensinar os jovens a filosofar. Logo, precisamos que as aulas de Filosofia conttenham o filosófico, apresentando problemas reais que os discentes possivelmente enfrentam e teorias filosóficas que permitem aos estudantes analisarem pormenorizadamente, mantendo o contato com a bibliografia primária dos filósofos ao longo da história. A partir disso, o docente auxilia o estudante contextualizar filosoficamente os textos escolhidos e perceber as teorias existentes ou ausentes nos textos, de forma que, possibilite os estudantes a filosofarem a partir dos problemas propostos, entendido como a ação da razão, ou seja, reflexão, na busca por possíveis soluções, o que chamamos de filosofar para produzir filosofia. Dito de outra forma, refletir para produzir conhecimento.

Portanto, faz-se necessário, concordando com Freire (1987), que o “diálogo” deve ser praticado para que possamos filosofar com os alunos, sobre problemas que nos circundam, aplicando para isso a teoria do professor Sílvio Gallo (2012),

uma “educação menor”<sup>5</sup>, que faça sentido para os alunos, e não fique presa ao mero cumprimento dos conteúdos que estão amarrados pelos currículos propostos pelo estado como, Orientação Curricular Nacional (2006), ou a Base Nacional Comum Curricular (2018), mas que as aulas de Filosofia sejam humanizadora aos moldes de Freire (1987) e Langón (2012).

Para tanto, o professor deve instrumentalizar seus discentes que, de posse da história da filosofia, possam transcender o espaço-tempo e ressignificá-lo, aplicando-o sob uma atualização, para solucionar os problemas atuais, que lhes sejam reais e significativos, auxiliando na construção da possibilidade dos estudantes para realizarem uma leitura de mundo com autonomia. Dessa forma,

A dimensão reprodutora da filosofia como história do pensamento é um desserviço, não apenas para a prática filosófica como para a ciência, pois o filosofar não é um movimento apenas da filosofia, mas é o movimento que faz nascer e se desenvolver em todas as ciências. (LARA SAYÃO, 2020, p 75)

Logo, podemos afirmar que, ensinar a história da filosofia, sem o ato de refletir para solucionar problemas, é o mesmo que limitar os alunos, adestrá-los e negar-lhes o desenvolvimento da razão e a criatividade no ato de solucionar problemas que lhes são próprios, subtraindo-lhes a humanidade e domesticando-os para o nosso próprio proveito, conforme nossa própria vontade, sem permitir que os jovens se tornem protagonistas e desenvolvam autonomia para a cidadania e a cultura da paz, conforme está estabelecido nos

documentos oficiais, ficando claro que o intuito das aulas desse componente curricular, não é de uma rebeldia sem causa, mas uma rebeldia de ir para além do que é proposto pelo currículo e conteúdo, possibilitando que os estudantes tenham a possibilidade de serem mais.

### **3. Didática para o Ensino de Filosofia**

Diante de tudo que foi tratado até agora, cabe ao professor de Filosofia desenvolver o filosófico em suas aulas, que de acordo com Maurício Langón (2012) seria a “radicalidade” entendida como, “levantar problemas fundamentais, tirar certezas, instalar dúvidas, questionar-se” de forma a aplicar a dúvida metódica a fim de estabelecer o diálogo em busca de levantar hipóteses, pois, uma vez que estivermos em busca do conhecimento e da verdade, não devemos poupar nada daquilo que quisermos conhecer, e para tanto, se faz preciso promover o diálogo com o interlocutor que possua pontos de vistas diferentes, para não correr o risco de selecionar interlocutores que pensem iguais, e assim, nem refletir sobre o problema, limitando-se ao pensamento único e a verdade universal, que é contrário à multiplicidade de pensamentos e pontos de vistas diferentes, que gera e enriquece o conhecimento.

Por isso, Langón (2012) afirma que o filosófico na aula de filosofia se dá com a pergunta ao interlocutor que servirá de base para que aconteça a “oralidade e escritas abertas”. Sobre isso, o professor deve propor problemas que façam algum sentido para os alunos, algo que seja da sua realidade, no intuito de lhes provocar e, a partir daí, junto a eles, sem

<sup>5</sup> Esse conceito de educação menor de Silvio Gallo parte de Deleuze e Guattari sobre a literatura menor, ao se referirem à Kafka. Para

Gallo, a educação menor é a resistência ao modelo de educação estabelecido

discriminação, buscar soluções por meio do diálogo, em forma de uma “filosofia menor”<sup>6</sup>. Mas, vale ressaltar que, fará esse diálogo aquele professor que, de acordo com Freire (1987), tiver amor pela filosofia e pelo aluno e que busca o conhecimento para uma sociedade mais democrática. Dessa forma, devemos dialogar com todos que tiverem abertos ao diálogo, uma vez que, com pessoas dogmáticas que abraçam suas crenças costumeiras como sendo verdades absolutas, intolerantes, autoritárias, portanto, antifilosófica, não existe a possibilidade de estabelecer o diálogo.

Esse é o tipo de filosofia do autoconhecimento e do conhecimento do outro, da hospitalidade, no sentido de receber o outro para conhecê-lo, de forma que possa conhecê-lo a partir de uma relação de simbiose, de acordo com Serres (1990) dos pensamentos e pontos de vistas, entre o hospedeiro e o hóspede, entre o outro e o eu, entre professor e estudantes, ou ainda, entre os próprios discentes. Assim, os alunos não devem ser parasitas ou meros receptores passivos, mas ao contrário, devem ser simbiosas e, assim, ativos no processo do conhecimento por meio do diálogo e, portanto, da filosofia menor, dando à aula de Filosofia a importância de estar na educação básica, proporcionando aos estudantes a capacidade de leitura de mundo e, portanto, derrubando as verdades absolutas e as crenças costumeiras que não se sustentem diante do filosofar.

Pensar a educação como a arte do encontro é habitá-la filosoficamente, numa atitude de atenção aos afetos. Spinoza chamaria de bons encontros os afetos alegres, porque são aqueles que nos abrem para o mundo e

abrem o mundo para nós..., favorecendo uma atitude de diálogo e de amor ao mundo. (LARA SAYÃO, 2020, p. 33)

A partir de então, colocamos a Filosofia como sendo aquela que é libertadora, “produzindo o pensamento autêntico, fazendo oposição à educação bancária, que é aquele modelo que limita a humanização, dominando e dando uma falsa sensação de conhecimento do homem e do mundo”, conforme Freire (1987). Diante tal questão e considerando o outro, nesse caso o estudante, deve ser estabelecido o filosófico em sala de aula, sempre em busca da reflexão para solucionar problemas que lhes sejam os mais reais possíveis, como notícias, reportagens, mensagens, letras de músicas, recortes de textos, memes, vídeos, que tragam em si problemas que afetem os alunos e a sociedade, podendo utilizar para o conhecimento da história da filosofia e os conceitos, já existentes, como ferramentas para que possam, juntos, como diz Gallo (2012), criar novos conceitos, ou seja, refletir e aplicar, para que possam exercer a autonomia e o protagonismo juvenil para a cidadania e a cultura da paz, para pensar com o outro em busca de solucionar o problema proposto.

#### **4. Considerações finais**

Neste estudo, investigamos o tema crítico que são as aulas de Filosofia do Ensino Médio. O problema de pesquisa está intrinsecamente ligado à necessidade de compreender como o pensamento crítico inquiridor no contexto das aulas desse componente curricular poderia afetar o desenvolvimento da autonomia e do

solucionar problemas reais que enfrentamos no dia a dia, fazendo todo sentido para que os alunos compreendam a importância da filosofia em suas vidas.

<sup>6</sup> Conceito criado a partir da “educação menor” do professor Silvio Gallo e da filosofia do professor Mauricio Langón, entendido como o conhecimento construído a partir do diálogo para

protagonismo juvenil dos estudantes. O problema era premente, dada a crescente complexidade do dogmatismo e das crenças costumeiras na sociedade moderna, além das fake news que vêm ganhando, cada vez mais, espaço nas redes sociais, tornando a formação filosófica uma habilidade essencial para a cidadania e a democracia. Definimos nossos objetivos específicos, visando apresentar uma didática para as aulas de Filosofia, para que haja compreensão dos docentes e discentes sobre a importância de filosofar nas aulas de Filosofia.

Este estudo produziu conclusões fundamentais que merecem destaque. Primeiramente, nossas análises demonstram que uma aula de Filosofia que não há o pensamento crítico-reflexivo sobre problemas reais, não pode ser uma aula de Filosofia. A filosofia na educação nas aulas dessa disciplina do Ensino Médio tem um impacto significativo no comportamento autônomo e no protagonismo juvenil dos alunos como cidadãos democráticos. Os estudantes expostos a essa abordagem apresentaram uma melhoria notável na compreensão de conceitos, pensamento crítico e hipóteses, praticando o diálogo para o desenvolvimento do conhecimento pessoal. Além disso, eles demonstraram uma maior responsabilidade social, refletida em sala de aula mais conscientes e em um posicionamento pessoal.

Esses resultados, fornecem evidências prévias de que a educação filosófica nas aulas de Filosofia pode ter um impacto direto na formação de jovens mais informados e humanamente responsáveis. A habilidade de tomar decisões conscientes é essencial para o bem-estar coletivo das pessoas e para a construção de um futuro social estável, construindo a “cultura da paz”. Ainda, os resultados deste estudo destacam que a

inclusão do filosofar nas aulas de Filosofia pode ser uma maneira eficaz de abordar esse desafio crescente, preparando os alunos para enfrentar os complexos cenários problemáticos da vida em todas as suas esferas.

A amostra foi selecionada em um contexto específico, o que pode limitar a generalização dos resultados para outras regiões ou sistemas educacionais. Além disso, a implementação bem-sucedida da educação filosófica nas aulas de Filosofia, depende da capacitação adequada dos professores e da liberdade para o filosofar, se quisermos formar cidadãos proativos, autônomos e protagonistas.

Contudo, recomendamos futuras investigações que explorem a implementação de estratégias pedagógicas específicas para a integração da educação filosófica nas aulas de Filosofia do Ensino Médio. Além disso, aprofundar a análise do impacto a longo prazo da educação filosófica no protagonismo juvenil dos estudantes seria valioso. Também é importante investigar como o filosofar pode ser adaptado para atender às necessidades específicas da comunidade escolar.

#### Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/Marcos/Desktop/ProfFilo%2022/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](file:///C:/Users/Marcos/Desktop/ProfFilo%2022/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em: 17 de julho de 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/Marcos/Desktop/ProfFilo%2022/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](file:///C:/Users/Marcos/Desktop/ProfFilo%2022/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em: 17 de julho de 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Orientação Curricular Nacional: Filosofia**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book\\_volume\\_03\\_internet.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_03_internet.pdf). Acesso em: 17 de julho de 2023.

DAMIÃO, Helena. **Declaração de Paris para a Filosofia**. De Rerum Natura (A Natureza das coisas), 2016. Disponível em: <https://dererummundi.blogspot.com/2016/11/declaracao-de-paris-para-filosofia.html>. Acesso em: 26 de agosto de 2023.

DELEUZE, G e GUATTARI, F. **O que é a Filosofia?**. 2 ed. São Paulo: Editora34, 1993.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GALLO, Silvio. **Congresso de Educação Básica: aprendizagem e currículo (COEB 2012) / As múltiplas dimensões do aprender**. Disponível em: <file:///C:/Users/Marcos/Downloads/As%20M%C3%BAltiplas%20Dimens%C3%B5es%20do%20Aprender%20-%20S%C3%ADlvio%20Gallo.pdf> Acesso em: 09 de outubro 2022

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. Campinas. SP. Papirus 2012.

GONZÁLEZ PORTA, M. A. **A filosofia a partir de seus problemas**. São Paulo: Editora Loyola, 2002.

JESUS, Rodrigo Marcos. **A história excludente da Filosofia: um desafio para o ensino da Filosofia hoje**. In: OLEA, Regina. Educar e ensinar a educar: desafios contemporâneos das humanidades. [e-book]./ Organizadores: Regina Olea e Alécio Donizete 1ª edição. Cuiabá–MT: EdUFMT Digital, 2021. Disponível em: < <https://f3286f62-e14d-4952-ad27->

[eac5c2feb473.usrfiles.com/ugd/f3286f\\_5497d6877c874f54824b0707731b96a9.pdf](eac5c2feb473.usrfiles.com/ugd/f3286f_5497d6877c874f54824b0707731b96a9.pdf) > Acesso em: 08 jan. 2024.

LANGÓN, Mauricio. **Antologia de um pensamento crítico**. Compiladores: Sandra Tejera e Ruan Carlos Iglesias. San Carlos. Maldonado. Montivideo – Uruguay. 2012.

MURCHO, Desidério. **Educação e Filosofia: A Natureza da Filosofia e seu ensino**. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/EducaoFilosofia/issue/view/229>. Acesso em: 07 de abril de 2023.

SAYÃO, Lara (Lara Sayão Lobato de Andrade Ferraz). **Olimpíadas de filosofia do Rio de Janeiro: o pensamento na roda/ Lara Sayão Lobato de Andrade Ferraz. – 1 ed – Rio de Janeiro: NEFI, 2020 – (Coleção Teses e Dissertações; 12)**

SERRES, Michel. **O Contrato Natural**. Coleção: Epistemologia e sociedade, sob a direção de António Oliveira Cruz. Tradução Serafim Ferreira. Ed. François Bourin, 1990.

TRINDADE, Marcos Aurélio. **O conceito de ser mais em Paulo Freire e a relação professor-aluno**. Disponível em: <https://www.fapcom.edu.br/wpcontent/uploads/2018/05/Marcos-comfilotec-artigo-ensaios-1.pdf>. Acesso em: 12 de julho de 2023

UNESCO. **Construindo a paz na mente de homens e mulheres**. Disponível em: <https://en.unesco.org/themes/building-peace-programmes>. Acesso em: 24 março 2023.

Recebido em 2024-12-27  
Publicado em 2025-09-27